



CONTAÇÃO DE LENDAS E CANTIGAS DE RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Legends telling and Nursery Rhymes in Early Education

Marília Sabina Lima Loureiro¹
Marlene Gomes²

Resumo

Este texto relata uma experiência com Pedagogia de Projetos com uma turma do 1º Período da Educação Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Argentina Barros, no âmbito do curso de Especialização em Gestão em Projetos e Formação Docente, em serviço, oferecido a professores da rede pública municipal de Manaus, Amazonas, em parceria com a universidade do Estado do Amazonas (UEA). Trata-se da descrição do processo de elaboração e desenvolvimento do Projeto de Aprendizagem “Contaço de lendas e cantiga de roda na educação infantil” com o objetivo de formar professores em serviço a partir de vivência pedagógica na perspectiva da pesquisa etnográfica, da pesquisa-ação colaborativa, da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e do pensamento complexo. Os resultados revelaram a expectativa de uma docência ativa e crianças motivadas e participativas.

Palavras-chave: Formação continuada de professores; Pedagogia de Projetos; Lenda; Cantiga de roda.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Especialista em Educação Especial Inclusiva pela FABRA. Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, lotada no Centro Municipal de Educação Infantil Argentina Barros. Aluna do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, oferecido pelo Laboratório de Ensino, Pesquisas e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Licenciada em Letras pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL). Professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Especialista em Língua Portuguesa com ênfase em Produção Textual pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Educação pela UFAM. Formadora no Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS), da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM/SEMED) e pesquisadora do Laboratório de Ensino, Pesquisas e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Orientadora do trabalho. E-mail: marlegomeslp@gmail.com



Abstracts

This text reports an experience with Project-based Pedagogy with a group of students in the 1st Period of Early Childhood Education at Centro Municipal de Educação Infantil Argentina Barros, as part of the Specialization Course in Project Management and Teacher Training, in service, offered to teachers from the municipal public school system of Manaus, Amazonas, in partnership with the Universidade do Estado do Amazonas (UEA). It describes the process of elaboration and development of the Learning Project "Legends Telling and Nursery Rhymes in Early Childhood Education" with the aim of training in-service teachers through pedagogical experience in the perspective of ethnographic research, collaborative action research, interdisciplinarity, transdisciplinarity, and complex thinking. The results revealed the expectation of active teaching and motivated, participative children.

Keywords: Teacher Continuing Education; Project-based Pedagogy; Legend; Nursery Rhyme.

Introdução

O presente Relato de Experiências se refere a uma experiência com a elaboração e o desenvolvimento de um Projeto de Aprendizagem, que se constituiu na principal atividade da disciplina Projeto de Aprendizagem, do curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente³. O relato é fruto de um processo de formação continuada no cotidiano das práticas pedagógicas, relacionais e acadêmicas.

O referido processo de formação continuada se deu no interior do Projeto Oficina de Formação em Serviço, que se insere na modalidade de Pós-Graduação oferecida em parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) e a Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Essa parceria possibilita ao servidor se manter atualizado do ponto de vista acadêmico e, também, vislumbrar novas perspectivas para o seu desenvolvimento profissional.

³ Oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e realizado em serviço no CMEI Argentina Barros e em outras oito escolas da Zonas Urbana, Rural Rodoviária e Ribeirinha do município de Manaus (AM).



Essa experiência formativa ocorreu no CMEI Argentina Barros, situado no Conjunto Francisca Mendes, bairro Cidade Nova. Foram alcançadas duas Salas de Referência, as turmas A e G do Primeiro Período, sendo cada Sala composta por 24 crianças, somando um total de 48 crianças.

O Relato de Experiências tem por objetivo socializar o percurso acadêmico e pedagógico, refletir sobre o vivido e, de certa forma, contribuir com minha experiência pessoal que leva, também, marcas do coletivo docente do qual procuro participar ativamente. É possível que isso, por si só, justifique o empenho do exercício desta escrita.

Durante o curso de Pós-graduação, tivemos contato com diversos autores que compunham as indicações bibliográficas por disciplinas, conforme os núcleos de estudos. Alguns destes autores e autoras, como Engel, Gomes, Matos e Castro e Wanzeler, serão citados, aqui, como suporte teórico da escrita daquilo que foi tão intensamente vivido, apreendido e assimilado da experiência.

A metodologia empregada considerou a abordagem etnográfica, que comporta a pesquisa-ação colaborativa no cotidiano da Educação Infantil, aplicando o registro etnográfico diário, a rodinha de conversa e a observação pedagógica. Além disso, o relato está organizado em três seções: a construção do Projeto de Aprendizagem, a Lenda do açaí⁴, a cantiga de roda “Caranguejo não é peixe” e, por último, as considerações acerca do processo relatado.

A construção do Projeto de Aprendizagem

O Projeto de Aprendizagem, doravante denominado PA, do CMEI Argentina Barros⁵ teve como tema comum a todas as Salas de Referência, *Educação Inclusiva*,

⁴ Aprendida da tradição oral.

⁵ Situado à rua Itacajá, s/n. Conjunto Francisca Mendes, 1. Bairro Cidade Nova I. Manaus (AM).



Psicomotricidade e Grafismo: Interfaces do Brincar e do Aprender na Educação Infantil e, como objetivo, também comum a todas as turmas de professoras alunas do referido curso, “proporcionar experiências de aprendizagens significativas às crianças do Centro Municipal de Educação Infantil Argentina Barros”. A Sala de Referência com a qual trabalho, 1º Período A, é composta de 24 crianças devidamente matriculadas, com faixa etária entre quatro e cinco anos. O subtema para essa Sala de Referência foi *Contação De Lendas e Cantiga de Roda na Educação Infantil*.

O PA foi concebido e elaborado por três professoras, de cujas Salas de Referências emergiram necessidades de aprendizagens semelhantes, e por serem, todas, adultas de referência de crianças do mesmo período. Sendo assim, uma das estratégias utilizadas para o pensar em comum foi a convivência no cotidiano do CMEI Argentina Barros, pois a interação diária, a troca, a colaboração pedagógica e metodológica foi capaz de proporcionar o que se pode entender por escrita reflexiva e colaborativa, inclusive, passível de alteração, se necessário fosse.

No processo de construção, foram gerados os seguintes objetivos específicos, conforme as necessidades de aprendizagens demonstradas pelas crianças e pela percepção pedagógica de nós, professoras: 1. Proporcionar às crianças experiências com brincadeira de roda; 2. Conhecer ou reconhecer a lenda e a fruta do açaí; 3. Explorar aspectos do grafismo; 4. Identificar elementos da cultura indígena; 5. Expressar-se na linguagem oral, corporal, na dança, no desenho, na escrita, na dramatização e outras formas de linguagem.

É bom lembrar, conforme mencionado anteriormente, que o Tema Geral do PA, a Justificativa e o Objetivo Geral foram produzidos coletivamente, cabendo à cada professora de Sala de Referência construir os Objetivos Específicos e o Sumário de Aprendizagem de sua Sala.

A experiência formativa no campo da Pedagogia de Projetos partiu da orientação para que fosse feito, durante cinco dias consecutivos, o registro etnográfico



da realidade observada na Sala de Referência. Sobre esse registro, o grupo de alunos do curso recebeu orientação minuciosa, ainda na disciplina anterior, Metodologia da Pesquisa em Educação. Naquele momento, tivemos uma aula exclusiva sobre o registro etnográfico empregando, como instrumento, o “diário de bordo”, que se constituiu, inclusive, em um dos critérios de avaliação da disciplina do curso em questão.

No subtópico a seguir, transcrevo trechos de minha escrita como exercício da etnografia na Sala de Referência, recortes de minhas vivências com as crianças, exercício que, conforme escreve Gomes, “se constitui de um recorte do tempo, tempo cronológico, tempo pedagógico, tempo acadêmico, tempo experiencial da etnografia, da pedagogia de projetos, da fusão da academia com a sala de aula, com o cotidiano escolar” (Gomes, 2021, p. 154). Registro, que esse exercício liberou em mim uma nova percepção para minha Sala de Referência e para cada criança, em particular.

O exercício do registro no Diário Etnográfico

Foi um desafio, pois o registro pormenorizado das atividades diárias, como exercício da escrita, não fazia parte da minha rotina. Além disso, foi um aprendizado interessante, especialmente porque aprendi que esses registros eram importantes para a ampliação do conhecimento da Sala de Referência e da minha prática pedagógica, além de se constituírem em importante fonte de informação sobre a dinâmica pedagógica que se estabelece nos/dos/com os cotidianos da Educação Infantil. Também, no diário etnográfico da sala de aula, ou Diário de Campo, são anotadas observações concretas e subjacentes ao ambiente pedagógico, fatos, acontecimentos, elementos sociológicos, relações e fenômenos diversos, bem como experiências pedagógicas, relacionais, reflexões e aprendizados no campo da formação e da pedagogia (Falkembach, 1987).



Diante do exposto, transcrevo, a seguir, alguns trechos da minha experiência de escrita etnográfica:

Começamos o dia com a nossa rotina: chegada, ida ao banheiro, lavar as mãos, beber água e depois a nossa roda de conversa. Onde cantamos, contamos quantos somos, chamadinha e conversamos sobre a aula do dia; brincando com as formas geométricas. Exploramos as formas e identificamos que a maioria já conhecia a forma geométrica quadrado. Depois fomos para a sala multimídia para assistir o vídeo sobre as formas geométricas: explorando o quadrado e as cores, onde eles foram estimulados a falar sobre o tema do vídeo e a explorar as formas em nosso ambiente. Voltamos para a sala e perguntei: 'gostaram crianças? Perceberam que podemos encontrar as formas em vários objetos? Estou tendo uma ideia para a nossa brincadeira. Sabe qual é? O encaixe das formas'. E começamos a nossa brincadeira em um jogo para encaixar as formas trabalhadas. Cantamos músicas sobre o tema trabalhado, fizemos a forma quadrado no ar com o dedo, também andando no chão para perceber como é formado o quadrado (Relato nosso, 06/03/2023).

Relendo, agora, esses registros, percebo a importância deles no sentido de que refletem minha postura pedagógica diante das crianças. Observo que assumi um movimento de propor várias atividades, mesmo porque de nós é "cobrado" que demos conta de proporcionar as experiências previstas no currículo da Educação Infantil. Com essa preocupação, é possível que tenha deixado passar oportunidades de ouvir mais as crianças e, a partir da escuta, dinamizar as atividades pedagógicas, como jogos e brincadeiras, por exemplo. O compromisso com o planejamento leva à preocupação de executar atividades previamente pensadas. Isso pode ser bom, no entanto, não abre espaço para o inesperado e para as possibilidades advindas do momento das crianças.

Crianças, hoje teremos uma atividade muito legal, acho que vocês vão gostar! Querem saber? Vocês estão me vendo, estão vendo que tenho cabelos castanhos, olhos castanhos, pele clara. Muitas pessoas também têm as mesmas características. Então, como posso identificar vocês? Isso mesmo! Pelo nome! Olha que legal! Todos nós recebemos um nome, assim que nascemos. Depois, foi proposta uma brincadeira de caça às letras para identificar o nome de cada um. As crianças foram estimuladas a responder se conseguem identificar as letras do seu nome, se não conseguirem, foi explicado que essa brincadeira vai ajudar (Relato nosso, 03/03/2023).



O registro diário das vivências na Sala de Referência foi o primeiro passo instrumental para observação, percepção e compreensão tanto da conduta pedagógica infantil quanto da conduta docente (Matos; Castro, 2011). Eu não tinha o hábito de fazer registro dessa natureza. Observo que estava bastante voltada para o cumprimento de atividades, do roteiro planejado, deixando de anotar percepções mais subjetivas tanto da conduta das crianças, quanto da minha enquanto adulta de referência daquela Sala. Como sabia que tínhamos adiante a escrita do Projeto de Aprendizagem, deter-me em atividades práticas foi algo natural.

A Conversa que virou Projeto de Aprendizagem

Outro instrumento empregado para a pesquisa no cotidiano da Sala de Referência foi a Rodinha de Conversa. A partir dela, foram obtidas informações importantes sobre o que as crianças gostariam de aprender no ambiente da Sala de Referência. A Roda de Conversa, como prática pedagógica, se constitui no desenvolvimento de atividades em que “a professora propõe uma forma qualquer de ação que exigindo o esforço individual de cada membro, valorize a participação do grupo em lugar de negá-la” (Freire, 2002, p. 21).

A criança é um sujeito ativo cuja criatividade se expressa de diferentes formas. Partindo dessa percepção, entende-se que os objetivos de aprendizagem devem, também, ser expressão das suas necessidades pedagógicas, de modo a valorizarem os diferentes contextos e experiências vivenciadas por elas na Educação Infantil.

Portanto, escutar as crianças, saber ouvir o que elas pensam e vivenciam, suas fantasias, sua imaginação, seus desejos, medos e curiosidades devem tornar-se uma prática corriqueira nos/dos/com os cotidianos do CMEI. Tal prática permite à adulta ou ao adulto de referência enxergar, ouvir, perceber e compreender as necessidades



pedagógicas das crianças. Uma postura docente que se põe à escuta considera a importância da formação continuada, especialmente, se aberta à

[...] perspectiva de uma aprendizagem transdisciplinar que vincula os saberes disciplinares aos saberes socioculturais dos sujeitos escolares. Nela, as condições de ensino e de aprendizagem são favorecidas pelo diálogo entre natureza e cultura e pelo respeito ao universo sociocultural da escola [...] (Wanzeler, 2014 p. 20).

Sendo assim, experiências das crianças trazidas de sua vivência no cotidiano e entorno familiar, tais como descrições de objetos, brincadeiras, narrativas individuais e coletivas, se constituem em assunto ou mesmo temas a serem compartilhados na Rodinha de Conversa, tornando-se, assim, elementos desencadeadores de novas conexões de saberes e levando, portanto, ao desenvolvimento e florescimento da criatividade.

Na Rodinha de Conversa, específica, intencional e investigativa, disse às crianças que eu seria uma investigadora, além de explicar o que era uma. A partir desse ponto, fiz a entrevista com as crianças, inteirando-me sobre o que elas gostariam de aprender.

No processo investigativo, perguntava o que as crianças mais gostavam no CMEI. Eles responderam que gostavam de massinha de modelar, de brincar de cantiga de roda, de ouvir histórias e do “parquinho”. Normalmente, nas Rodinhas de Conversa não são anotadas as respostas, mas, dessa vez, foram anotadas, já que se tratava de um instrumento que seria, inclusive, compartilhado com colegas da Pós-graduação, conforme mencionado na introdução deste relato de experiência (Matos; Castro, 2011). Continuando, foi perguntado sobre o que gostariam de melhorar no CMEI, ao que as crianças responderam que queriam melhorar o parquinho e o pula-pula. Enfatizo, aqui, a importância da salvaguarda do direito de brincar na Educação Infantil, pois, “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto,



pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral; e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (Winnicott, 1975, p. 80).

Finalizando a sequência de perguntas, foi perguntado, informalmente, o que as crianças desejavam aprender. Algumas responderam que queriam brincar de cantigas de roda; outras, de jogos. Também citavam quais joguinhos ou músicas infantis conheciam, chegando mesmo a cantá-las. Pareceu-me bem interessante a experiência de ouvi-los, de deixar que eles opinassem sobre a sua aprendizagem e, também, o fato de as crianças participarem ativamente.

Desse modo, do Diário de Bordo, da Rodinha de Conversa e da observação atenta e sensível foram pensadas e geradas estratégias de intervenção. A este procedimento dá-se o nome de pesquisa-ação, que “constitui um meio de desenvolvimento profissional de ‘dentro para fora’, pois parte das preocupações e interesses das pessoas envolvidas na prática, envolvendo-as em seu próprio desenvolvimento profissional” (Engel, 2000, p. 183).

Para responder às necessidades de aprendizagem e interesses das crianças, foram elencadas atividades tendo como suporte textual a Lenda do Açaí, que conhecemos por meio da tradição oral, a partir da qual ampliamos conhecimentos sobre os povos indígenas, ou povos originários, e seus costumes, incluindo jogos de “peteca” e outros. Outro suporte foi a cantiga de roda “Caranguejo não é peixe”, a partir da qual as crianças passaram a conhecer melhor o crustáceo caranguejo, o seu habitat e suas características.

Nesta fase da pesquisa, instrumentada com o que as crianças expressaram em suas falas, bem como a partir da observação enquanto adulta de referência, em uma das aulas da Pós-graduação socializamos as necessidades de aprendizagem das crianças com os e as colegas do curso. Isso nos empolgou muito. Além disso, as ideias foram surgindo, ao mesmo tempo em que nos sentíamos motivadas. Nessa aula, os temas dos Projetos de Aprendizagem foram sendo esboçados.



A Lenda do Açaí

Utilizamos a Lenda do Açaí no Projeto de Aprendizagem porque é comum a prática da contação de histórias na Educação Infantil. As histórias promovem o desenvolvimento cognitivo e social na criança, melhorando a comunicação e enriquecendo o vocabulário infantil. Conseqüentemente, a contação de histórias se constitui em instrumento poderoso para promover o gosto pela leitura e o desenvolvimento da imaginação.

Assim, percebemos que a estratégia pedagógica de contação da Lenda do Açaí trouxe benefícios e impactos positivos para o desenvolvimento das crianças, especialmente quanto ao desenvolvimento da habilidade auditiva, raciocínio, memória e estímulo à linguagem oral.

Assistimos ao vídeo⁶ sobre a lenda, a partir do qual conversamos sobre como uma tribo indígena é constituída quanto aos costumes e modos de vida. Ainda, a partir do filme, conversamos sobre a fruta do açaí, a sua cor, seu tamanho, seus usos culinários, os artesanatos feitos com a sua semente, além das brincadeiras indígenas.

Foram várias Rodinhas de Conversa sobre a Lenda do Açaí. Uma delas versou sobre o tipo de palmeira que produz o fruto. Levamos as folhas da palmeira para as crianças conhecerem, fotografias da palmeira do açaí, um cacho do fruto, sementes secas e, também, exibimos um vídeo sobre a palmeira e a extração do fruto. As crianças ficaram maravilhadas em conhecer o cacho da fruta *in natura*, o formato da folha da palmeira e em poderem manipular as suas sementes.

A partir da experiência sinestésica, fluíram diálogos interessantes e desenhos autorais, assim como foram desenvolvidas atividades em que a ludicidade se tornou

⁶ Disponível em: https://youtu.be/Zq0jhXol10o?si=Y2Iz1aFlkfa6_Hse



evidente. Nessas atividades, as crianças rasgaram papéis para fazer bolinhas representando a fruta, fizeram pinturas e movimentos diversos.

Exploradas algumas possibilidades de experiências com o açaí, chegou o momento da degustação da polpa da fruta, com um suco que foi oferecido pelo CMEI. Nesse dia, o lanche foi na Sala. Todas as crianças estavam contentes com a hora da merenda porque iam tomar açaí. Algumas crianças já conheciam o suco do açaí, outras o apreciavam pela primeira vez e outras ainda não o conheciam. Algumas crianças gostaram tanto que pediram para repetir. Outras duas não gostaram de jeito algum, inclusive as que não o conheciam. As que tomaram suco de açaí, pela primeira vez, acharam delicioso o docinho do açúcar. As que não gostaram fizeram uma carinha de desaprovação e disseram que era azedinho.

A experiência com a Lenda do Açaí possibilitou desenvolvimento significativo na aprendizagem das crianças, além de injetar energia no nosso jeito de conviver no cotidiano da Educação Infantil. Com isso, foi possível perceber maior vivacidade nas crianças, bem como a evidência de desenvolvimento da coordenação motora, principalmente na destreza em segurar e manejar o lápis, na escrita da letra “a” e das outras letras trabalhadas durante o processo. Também, foi possível perceber melhor desenvoltura na comunicação e ampliação do seu vocabulário.

Cantiga de Roda “Caranguejo não é peixe”

A cantiga de roda é uma canção popular que costuma ser relacionada com a brincadeira de roda. É sabido que as cantigas de roda ou populares, como são chamadas, estimulam as habilidades de comunicação das crianças e a sua compreensão de mundo. A brincadeira de roda ajuda a reequilibrar as emoções como também a criar laços afetivos, contribuindo para a interação social na Educação Infantil.



Iniciamos esta etapa do Projeto de Aprendizagem com o filme da história “Onde estão os caranguejos?”⁷. Primeiramente, cantamos, conversamos sobre cinema, como era assistir a um filme no cinema. Eles falaram que as pessoas ficavam em silêncio, tomavam refrigerante e comiam pipoca. Quando o filme começou, eles foram tomando contato com as características de um ambiente de praia e de um manguezal. Também, foram percebendo como os caranguejos vivem, como se alimentam, seu tamanho, ao mesmo tempo em que ouviam a música do caranguejo, trilha sonora do filme.

Ao término do filme, as crianças aprenderam a música “Caranguejo não é peixe” e foram trabalhados movimentos imitando o do caranguejo. Algumas fizeram o movimento com muita facilidade, outras com pouca facilidade, duas com um pouco de dificuldade e duas ficaram paradas, não conseguindo imitar o movimento do caranguejo naquele momento.

Depois, passamos para as atividades derivadas da temática, onde foi proporcionada às crianças uma atividade de pintura e artesanato: carimbar o papel com as mãos para fazer o caranguejo, pintar a maré cheia com uma esponja e fazer dobraduras no formato do caranguejo. Quanta diversão! Os alunos amam fazer atividades com tinta guache, esponjas e dobraduras.

Durante a intervenção pedagógica com o emprego da cantiga de roda “Caranguejo não é peixe”, as crianças participaram ativamente enquanto expectadoras do vídeo “Onde estão os caranguejos?”. Observei que as crianças não tinham o costume de brincar de roda. No início, tiveram um pouco de dificuldade quanto ao movimento circular, característico da brincadeira. Com o tempo, isso foi melhorando e seus movimentos se tornaram expressivos e desinibidos. Também, foi trabalhada a letra da música, o que ajudou bastante na expressão gestual e verbal das crianças. Nessa atividade, foram enfatizadas as características físicas do

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/SP2Ejkkwqil?si=tQuQkXy1Aw3QBUhS>



caranguejo, como sua cor, além de seu habitat e que esse ser não é um peixe e, sim, um crustáceo.

No desenvolvimento do processo, as crianças ficaram muito entusiasmadas, perguntaram onde os caranguejos vivem e perceberam que eles andam de lado. Assim, foram imitando o modo como os caranguejos se locomoviam no vídeo. As crianças também demonstraram interesse sobre os tipos de caranguejos e seus hábitos alimentares. Disseram: “Professora, uns comem folhas e outros comem restos de comida”.

Atividades que envolvem o canto na Educação Infantil, são convidativas à gestualização e à dramatização. Com a cantiga “Caranguejo não é peixe” não foi diferente. As crianças mostraram empolgação com a dramatização da música e seus movimentos, principalmente quando perceberam que os movimentos da dança eram iguais ao modo de andar dos caranguejos. Tudo se tornou muito divertido e eu me senti bastante empolgada em observar o quanto as crianças cresceram em nível de expressividade. Assim, constatamos, mais uma vez, o quanto é importante a música na Educação Infantil.

É sabido que, com a música, e, através de movimentos, desenvolve-se a coordenação motora e habilidades essenciais para a educação socioemocional, auxiliando a percepção sonora e a ampliação do vocabulário da criança. Com este objetivo, foi feito estudo semântico e fonético das palavras “caranguejo” e “açai”, destacando, em cada uma, o nome de cada letra, a quantidade de letras, os fonemas, a primeira e a última letra, além da atividade de escrita da letra na areia colorida. Com essa atividade, as crianças também experienciaram texturas por meio do grafismo.

Apresentamos parte das atividades desenvolvidas durante o PA, especificamente, a cantiga “Caranguejo não é peixe”, para a comunidade escolar em uma Mostra de Atividades Transdisciplinares. A Mostra culminou com as atividades dos Projetos de Aprendizagem desenvolvidos por cada uma das professoras do CMEI



Argentina Barros que compõem a turma da Pós-graduação e se constituiu em marco no campo da formação continuada, em serviço, e no campo da pedagogia de projetos, na história deste CMEI.

Considerações acerca do processo

Ao longo do processo de concepção, desenvolvimento e discussão coletiva a respeito do Projeto de Aprendizagem aqui apresentado, ficou evidente a importância do trabalho pedagógico pautado na Pedagogia de Projetos. Do mesmo modo, agora distanciadas (as crianças e eu) das intensas vivências daquela experiência, é possível constatar, na turma, evidências de processos de desenvolvimento desencadeados pelas inúmeras atividades inspiradas nos dois subtemas decorrentes do Projeto, justamente a Lenda do Açaí e a cantiga “Caranguejo não é peixe”.

Ressalta-se, sobretudo, as mudanças pelas quais vêm passando o nosso fazer docente especialmente no tocante ao planejamento interdisciplinar, o que em muito amplia nossa visão, especialmente no campo da intervenção pedagógica.

Outro aspecto que merece destaque, embora pudesse parecer óbvio, mas, no nosso caso, significou contribuição significativa, é que a Pedagogia de Projetos ativou em mim o modo de “escuta pedagógica” e a capacidade dialógica no contexto do convívio diário com as crianças. Nesse sentido, experimentei a formação continuada em serviço, na rede pública municipal, na modalidade de curso de Pós-graduação, como um processo inovador capaz de transformar a conduta metodológica do professor e, conseqüentemente, tornar os encontros diários com as crianças experiências interessantes e prazerosas.

Ainda um aspecto a ser considerado: o da experiência colaborativa entre pares, crianças e famílias das crianças, bem como com a equipe gestora, sendo este um aspecto “fundamental do processo de construção de conhecimento em sala de aula”, bem como “uma prática que possibilita a genuína ajuda mútua e o intercâmbio entre



o trabalho de pesquisa e ensino” (Matos; Castro, 2011). Um Projeto de Aprendizagem que realmente atinja os objetivos da intervenção a que se propõe só é possível no âmbito da experiência pedagógica coletiva.

Referências

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Curitiba: Editora UFPR, n. 16, p. 181-191, 2000.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, jul./set. 1987.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOMES, Marlene. **O registro etnográfico como experiência formativa**. In: WANZELER, Eglê Portela *et al.* (org.). Jornadas do conhecimento: artesanias da formação do(a) formador(a) nos cotidianos escolares. Manaus: Editora UEA, 2021.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida (orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

WANZELER, Eglê Portela; TRAJANO, Euzeni Araújo. **Oficinas de Formação em Serviço**: uma experiência transdisciplinar em formação de professores. Manaus: Editora Valer, 2014.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.